

O que impede o País de competir

Economia - Brasil

A empresa brasileira é bem mais competitiva que o Brasil. Tem sentido essa diferença? Tem, e mostra quanto se pode fazer, no ambiente político e macroeconômico, para dar ao País melhor posição no mercado internacional. Para os brasileiros, esse é o mais importante ensinamento do *Relatório sobre Competitividade Global*, edição de 1999, liberado ontem pelo Fórum Econômico Mundial.

O estudo classifica 59 economias de acordo com dois critérios. Conforme o mais amplo, o Brasil passou da 46.^a posição, em 1998, para a 51.^a, neste ano, ficando logo abaixo da Venezuela e imediatamente acima da Índia. Só três latino-americanos ocupam lugares mais baixos: Equador, Colômbia e Bolívia. Segundo o outro critério, o País se manteve no 35.^º lugar.

O padrão mais amplo de classificação é baseado em grande número de indicadores agrupados em oito rubricas: abertura, governo, finanças, infra-estrutura, tecnologia, gestão, mão-de-obra e instituições. Em cada um dos itens, a classificação vai de 1 a 59. Apenas em dois o Brasil se situa abaixo de 40 – gestão (29) e tecnologia (37). O México,

31.^º colocado, só perde do Brasil num dos oito quesitos: instituições. Corrupção, crime organizado, independência do Judiciário, favorecimento governamental e eficiência da polícia são algumas das desvantagens mexicanas.

O Brasil tem posição muito próxima da mexicana (34.^a), quando se trata do segundo critério, o da competitividade microeconômica. Levam-se em conta, por esse padrão, características das empresas, como profissionalismo da gerência, o custo da mão-de-obra, processos de produção, controle da distribuição de produtos, competência mercadológica e capacidade de inovação, entre outras. Também se considera o ambiente de negócios – itens como proteção intelectual, padrões de regulação, colaboração com a universidade, estrutura de transportes, etc.

As principais vantagens das empresas brasileiras são a competência mercadológica, os processos de produção e a amplitude dos mercados internacionais (diversidade). Dese-



nho de produtos e controle da distribuição internacional estão entre as desvantagens principais. Sofisticação do mercado financeiro e qualidade dos fornecedores nacionais são alguns pontos fortes do ambiente, prejudicado pela baixa escolaridade da mão-de-obra, falta de segurança pessoal e estrutura de comunicação.

A posição microeconômica está longe de ser satisfatória, mas é mais compatível com o tamanho e a diversificação da economia brasileira do que a outra classificação.

Claramente, as condições microeconômicas também poderiam ser muito melhoradas, se vários fatores ambientais – como a qualidade da administração pública, o sistema tributário, a posição fiscal e a natureza dos gastos públicos – fossem alterados. Todos esses pontos são listados como negativos na classificação pelo critério mais amplo.

O contraste entre a classificação ampla e a microeconômica aparece também no caso de outros países.

Pelo primeiro critério, os cinco mais competitivos são Cingapura (mesma posição do ano passado), Estados Unidos, Hong Kong, Taiwan e Canadá. Pelo padrão microeconômico, os cinco primeiros são Estados Unidos, Finlândia, Holanda, Suécia e Suíça.

Pode-se discutir se os indicadores e suas combinações são os critérios mais adequados.

Pode parecer irrealista apontar o Peru como mais competitivo que Hungria, Polônia, República Checa, Argentina e Brasil. Mas os critérios são consistentes e se baseiam, supostamente, nos indicadores de relevância maior para cada caso.

Depois, essa discussão é muito menos útil que uma reflexão sobre as desvantagens comparativas do Brasil. Em relação a isso, nenhum ponto indicado no relatório é contestável. A melhor maneira de salvar o orgulho nacional é completar as reformas necessárias e levar mais a sério a competição internacional.

**Melhor do que
discutir a
classificação é
tornar o Brasil
mais
competitivo**